

A PISTOLA NA SESSÃO ESPÍRITA

D. Anna não tinha uma religião específica. Criada por mãe católica tendo um pai esotérico desenvolveu um misticismo politeísta, “experimental” como afirmava. Casou-se com um ateu que temia fantasmas.

Por um tempo frequentou círculos místicos em sessões onde se manifestavam almas de mortos ou divindades, dependendo de cada culto específico, caboclos, pai de santos, orixás, almas iluminadas, almas penadas, enfim uma miríade de espíritos que eram do além. Estas entidades davam conselhos, previam o futuro e em geral pediam doações em dinheiro, “para as despesas”.

A Dona Cenira, mulher do “Seu” Almeida, português, dono de uma transportadora localizada na Tijuca, era uma “médium” razoavelmente conhecida no bairro e sua casa, onde funcionava também o seu “consultório”, era frequentada por inúmeros seguidores, principalmente nas sessões semanais onde diferentes espíritos baixavam após serem invocados pela espiritualista. Para ir a uma das quatro sessões diárias, três vezes por semana, pagava-se uma módica quantia, e o número de participantes era restrito a mais ou menos uma dezena de crentes a cada sessão.

Sentavam-se em uma grande mesa na sala da casa e a D. Cenira postava-se na cabeceira. As cortinas fechadas ensombreciam o ambiente e apenas os sons abafados e difusos da rua chegavam ao local.

Nesta sessão específica D. Anna foi acompanhada pelo marido que, como se sabe, era militar, ateu, mas tinha medo de fantasmas. Ele sempre que podia ia nestas práticas muito mais porque não queria que a mulher circulasse sozinha por aí.

A “médium” deu início aos trabalhos fazendo umas orações próprias e já em meio transe pediu aos circunstantes:

- Quem tiver qualquer joia ou metal no corpo, por favor os retirem para não atrapalhar a conexão com os espíritos.

Isto parecia fazer sentido supondo-se que os entes etéreos possuíam alguma energia magnética. Aos poucos os participantes iam pondo num cesto que uma ajudante passava pela mesa, suas joias, canetas, moedas, alfinetes e tudo mais. Na vez do Capitão Júlio, marido de D. Anna, ele sacou do coldre uma pistola .45, preta, enorme e a pôs no cesto. A Ajudante ficou olhando estática, bem como todos os presentes aquele trabuco inesperado. Fez-se silêncio e a D. Cenira depois de invocar por bons tempos os espíritos deu por encerrada a sessão porque como disse depois, os espíritos foram intimidados por aquela arma mortal.

D. Anna nunca mais voltou às sessões da D. Cenira e o Cap. Júlio, por bom tempo teve de ouvir as queixas da esposa quanto à falta de educação que fora andar armado numa sessão espírita e envergonhá-la daquela maneira. No que o Capitão respondia rindo-se:

- Como vou saber que não vai baixar algum espírito criminoso? Temos de considerar todas as possibilidades, e ademais foi ela que pediu para que retirássemos os metais do corpo.